

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



A FIGURA DE ANDRÓMACA EM EURÍPIDES *

A Guerra de Tróia, seus motivos e suas consequências atraíram a atenção de Eurípides que sobre o assunto escreveu a *Andrômaca*, a *Hécuba* e as *Troianas*, não falando já nas peças perdidas *Alexandre* e *Palamedes*, ligadas pelo sentido àquela última e com ela apresentadas em 415. Todas elas compostas durante a Guerra do Peloponeso, contêm em si uma condenação da guerra. De facto, o cerco de Tróia, transmitido com tantos pormenores pelos Poemas Homéricos e pelo Ciclo Épico e continuamente exaltado por poetas e prosadores, a cruel e horrível destruição da cidade que se lhe seguiu ofereciam ao dramaturgo material propício aos seus objectivos: chamar a atenção para as consequências funestas de uma luta como a que devastava naquela altura a Grécia. E assim a expedição a Tróia, de guerra nobre e justa, dignificante para os Aqueus, passa a uma luta de objectivo irrisório, a recuperação de Helena, uma mulher desonesta, que, como diz Peleu nos vv.602 sqq. da *Andrômaca*, «fugiu de casa com um jovem, para outra terra». «E então, por causa dela» — continua ele numa contundente invectiva contra Menelau — «tão grande multidão de Gregos reuniste, para marchar contra Tróia?!» Foi por causa desta mulher que tantos Gregos e Troianos morreram, que tanta desgraça e sofrimento aconteceu. Em conformidade com esta mudança de perspectiva, compreende-se que Eurípides apresente os chefes aqueus geralmente de modo negativo, enquanto toda a sua simpatia vai para os Troianos que combatiam por um ideal digno, a defesa da pátria, das esposas, dos filhos. Impressiona, de facto, que as figuras mais nobres das tragédias que podemos chamar «troianas» sejam precisamente habitantes de Ílion, enquanto as personagens caracterizadas com cores mais escuras são gregas, como é o caso do Ulisses da *Hécuba* e das *Troianas*, do Menelau da *Andrômaca*.

Mas, de todos os troianos, a esposa de Heitor foi sem dúvida aquela que mais deve ter impressionado o nosso poeta. E para menos

* Comunicação apresentada em sessão da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em 24-4-1972.

não era a figura que a *Iliada* nos legou (cf. *Il.* VI.369 sqq.; XXII. 437-515; XXIV.723 sqq.). Trata-a em duas das tragédias chegadas até nós, *Andrômaca* e *As Troianas*; sempre lhe dedica extrema simpatia e nas duas peças apresenta-a como modelo de esposa que, mesmo através dos condicionalismos de uma vida difícil, de pressões e de sofrimentos, continua fiel à memória do marido que a guerra lhe roubara.

Embora já tenha tratado da *Andrômaca* num estudo apresentado, em Janeiro de 1971, à Faculdade de Letras como tese de licenciatura (1), julgo conveniente acentuar e insistir em certos pormenores que reputo de grande importância: que o poeta a apresenta no mesmo plano nobre da que aparece na *Iliada*; que a Troiana é uma figura que vive do passado e para o passado; e, em terceiro lugar, que não manifesta qualquer simpatia por Neoptólemo. Nunca é demais esta insistência, já que a figura de Andrômaca, nesta peça Eurípides, tem sido motivo de divergências e de interpretações erróneas e injustas (2).

Creio ter demonstrado, no referido trabalho, que a esposa de Heitor é uma figura digna, nobre, fiel à memória do marido, o modelo por onde aferimos o procedimento de todas as outras, enfim o protótipo da *σοφροσύνη*, apesar de certa rudeza nas suas palavras, perfeitamente explicável pela situação dramática e pelas vicissitudes e sofrimentos que lhe foram deixando marcas na alma (3). Trazida para a Ftia por Neoptólemo, após a queda de Tróia, vê-se constrangida a ser concubina deste e dá à luz um filho, Molossos, pelo que é hostilizada pela ciumenta Hermíone, a estéril filha de Menelau, com quem Neoptólemo casara. Aproveitando a ausência do marido, a filha de Helena prepara a morte da Troiana e do filho. Salva-os a intervenção do velho rei Peleu, pai de Aquiles e avô de Neoptólemo. Estes condicionalismos traumatizaram-na, deram-lhe uma triste experiência da vida. Sente a sua existência presente como um inferno, enquanto o passado lhe aparece como um paraíso perdido, a cuja recordação se recolhe em todos os momentos. Por isso, não admira que a sua atenção se volte constantemente para o passado, o tempo ditoso que viveu na companhia do marido.

(1) *Eurípides, Andrômaca*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1971.

(2) A título de exemplo citamos apenas a opinião de Méridier (*Eurípide II*, Paris, Sociéte d'Édition «Les Belles Lettres», 1960, p. 99), para quem Andrômaca, na peça de Eurípides, surge, por vezes, como uma Oriental de harém.

(3) *Op. cit.*, pp. 38-39 e 92-96.

A peça abre com a recordação de Tróia, de Heitor, dos tempos felizes e da consideração que gozara na corte de Príamo (vv. 1 sqq.). Lamenta com triste amargura a morte do esposo e do filho, Astíanax:

ἦτις πόσιν μὲν Ἔκτορ' ἐξ Ἀχιλλέως
θανόντ' ἐσεΐδον, παῖδά θ' ὃν τίκτω πόσει
ὄφθέντα πρόγον Ἀστύνακτ' ἀπ' ὀρθίων (4).

Mais adiante, na monódia (vv. 103-116), volta a chorar a destruição de Tróia e a morte do marido, rojado no pó por Aquiles, mas nas suas palavras, em dísticos elegíacos, sente-se a atitude nobre de quem sabe aceitar e suportar com dignidade os sofrimentos:

.....ὦ Τροία, δορὶ καὶ κυρὶ δηιάλων
εἰλέ σ' ὁ χιλιόναυς Ἑλλάδος ὠκὺς Ἄρης
καὶ τὸν ἐμὸν μελέας πόσιν Ἔκτορα, τὸν περὶ τείχη
εἵλκνυσε διφρεῶν παῖς ἄλλιος Θέτιδος·
αὐτὰ δ' ἐκ θαλάμων ἀγόμεν ἐπὶ θῖνα θαλάσσας,
δουλοσύναν στρυγερὰν ἀμφιβαλοῦσαι κάραι.
πολλὰ δὲ δάκρυά μοι κατέβη χροός, ἀνὶκ' ἔλειπον
ἄστν τε καὶ θαλάμους καὶ πόσιν ἐν κονίαις (5).

(4) Vv. 8-10.

«Sou eu a que viu o esposo, Heitor, morto às mãos de Aquiles e o filho que lhe dei, Astíanax, ser lançado do cimo das elevadas torres».

A tradução apresentada, bem como a dos outros passos da *Andrómaca* que damos a seguir, é a do nosso trabalho citado na nota 1.

(5) Vv. 105-112.

«..... Ó Tróia,
tomada a ferro e fogo, te destruiu
o rápido Ares da Hélide
de mil naus; bem assim ao meu marido,
ai de mim, Heitor!
a quem rojou, em torno das muralhas,
em seu carro montado,
o filho da marinha deusa, Tétis;
eu mesma, do meu tálamo
fui às areias junto ao mar levada,
cingindo-me a cabeça
a servidão odiosa. Muitas lágrimas
me correram nas faces,
por deixar a poeira reduzidos
cidadé, casa e esposo!»

É sempre com visível e saudosa ternura que Andrómaca recorda Heitor e às vezes até com orgulho, como sucede nestas palavras que dirige a Menelau:

*πόσις θ' ὁ κλεινός, ὅς σε πολλάκις δορὶ
ναύτην ἔθηκεν ἀντὶ χειρσαίου κακόν* (6).

É evidente a ternura do vocativo ὦ φίλταθ' Ἔκτορ, que introduz as palavras que passo a citar, de certa importância para a compreensão da figura de Andrómaca:

*ὦ φίλταθ' Ἔκτορ, ἀλλ' ἐγὼ τὴν σὴν χάριν
σοὶ καὶ ξυνήρων, εἴ τί σε σφάλλοι Κόπρις,
καὶ μαστὸν ἤδη πολλάκις νόθοισι σοῖς
ἐπέσχον, ἵνα σοι μηδὲν ἐνδοίην πικρόν* (7).

A recordação de Heitor, o amor por ele, a fuga para o tempo em que viveu feliz junto do filho de Príamo são de tal modo uma obsessão que Andrómaca chega até a evocar, como acabámos de ver, as infidelidades do marido.

Também no momento em que a morte está iminente, quando o algoz tem já a espada suspensa para descarregar o golpe fatal, mesmo nessa altura Andrómaca exclama:

*ὦ πόσις πόσις, εἶθε σὰν
χεῖρα καὶ δόρυ σύμμαχον
κτησαίμαν, Πριάμου παῖ* (8).

Impressiona que, em tão grave e difícil situação, lhe ocorra a memória de Heitor.

(6) Vv. 456-457.

«...o meu glorioso marido que, muitas vezes, com a lança te tornou, em vez de um homem da terra, um péssimo homem do mar».

(7) Vv. 222-225.

«Ó querido Heitor, ao menos eu, para teu agrado, partilhava contigo os teus amores, se em alguma aventura Cípris te fazia cair; até o seio dei aos teus bastardos, para não te mostrar nenhum azedume!»

(8) Vv. 523-525.

«Esposo, esposo,
filho de Príamo!
Se eu possuísse
teu braço e lança
em meu apoio!»

Cf. J.C. Kamerbeek, «L'Andromaque d'Euripide», *Mn.* XI (1943) 57.

É de facto indicação segura de que Andrómaca vive para e do passado. Não se estranha, por isso, e até nos parecem muito naturais, as palavras que dirige a Menelau nos versos 454-456, quando este lhe diz que o seu destino, bem como o do filho, é a morte:

.....ἔμοι μὲν θάνατος οὐχ οὕτω βαρὺς
ὡς σοὶ δέδοκται κείνα γάρ μ' ἀπώλεσεν,
ὅθ' ἡ τάλαινα πόλις ἀνηλώθη Φρυγῶν
πόσις θ' ὁ κλεινός (9).

Apenas o filho gerado de Neoptólemo, que não desejou (cf. vv. 199-200) mas que amava, como prova o sacrifício que faz por ele (vv. 411 sqq.), a prendia à vida e conseguira insuflar-lhe uns raios de esperança (vv. 406 sqq.); no entanto, também esse estava condenado à morte. E nestas circunstâncias que interesse pode ter para ela a vida?

Pano de fundo e moldura para este constante retorno ao passado, são as odes corais do primeiro (vv. 274 sqq.) e quarto (vv. 1009 sqq.) estásimos que nos reportam à guerra de Tróia e suas consequências.

Como se pode concluir pelo que fica exposto, a Andrómaca que Eurípidés nos apresenta na peça do mesmo nome é a figura nobre, digna, moderada e sabendo aceitar os sofrimentos com certa resignação, enfim, uma figura que não desmerece do confronto com a que aparece na *Ilíada*, mas bastante mais humana, uma figura que reage e sofre, que se revolta e irrita com as pretensões, vaidade, insolência e arrogância dos outros. A homérica deixa-nos a impressão de uma mulher ideal, que sentimos um tanto longe, enquanto que a da peça de Eurípidés é uma nossa igual, que percebemos de carne, osso e nervo como nós.

Nesta perspectiva não estranharemos as palavras mordazes que dirige a Hermíone (vv. 204 sqq.; 240; 244; 248; 252 e 269-273) e as invectivas que profere contra Menelau e os Espartanos (vv. 319 sqq. e 344 sqq.). No entanto, como observa Erbse, reis, rainhas e príncipes medem-se com ela, mas ficam sujeitos à sua grandeza interior, mesmo

(9) Vv. 453-456.

«Para mim a morte não é tão grave, como te parece, pois estou morta desde que pereceu a infeliz cidade dos Frígios e o meu glorioso marido...»

quando se cala e actua pelo modelo que criou (10). De facto, Andrómaca é a figura em que recai a nossa simpatia e a do coro desde o início da peça, aquela que instituímos como padrão e modelo e por quem confrontamos e classificamos todas as outras pessoas da tragédia, bem ao contrário da opinião de Norwood (11) segundo a qual a sua figura, quando deixa a cena, desaparece cedo do nosso espírito.

Poderá julgar-se que a sua ligação com Neoptólemo e o facto de lhe ter dado um filho constitui uma objecção e contradiz esta visão da figura. Tal não sucede, porém. A sua união com o filho de Aquiles deveu-se apenas ao facto de ser sua escrava e de estar sujeita aos caprichos e à vontade do *seu senhor*. As suas relações com ele são, de facto, as de escrava/senhor, como se pode ver no prólogo (vv. 24-25), quando Andrómaca conta a situação em que se encontra. Eis o passo:

καὶ γὰρ δόμοις τοῖσδ' ἄρσεν' ἐντίκτω κόρον,
πλαθεῖσ' Ἀχιλλέως παιδί, δεσπότην γ' ἐμῶι (12).

Logo a seguir acrescenta:

καὶ πρὶν μὲν ἐν κακοῖσι κειμένην ὄμωσ
ἐλπίς μ' αἰεὶ προσῆγε σωθέντος τέκνου
ἀλκὴν τιν' εὐρεῖν ἀπικούρησιν κακῶν
ἐπεὶ δὲ τὴν Λάκωναν Ἑρμιόνην γαμῆ
τοῦμόν παρώσας δεσπότης δοῦλον λέχος,
κακοῖς πρὸς αὐτῆς σχετλίους ἐλαύνομαι (13).

(10) H. Erbse, «Euripides' Andromache», in *Euripides*, herausgegeben von E. R. Schwinge, Wege der Forschung, Darmstadt, 1968, p. 304.

(11) G. Norwood, *Essays on Euripidean Drama*, London, 1954, p. 46, *apud* D. J. Conacher, *Euripidean Drama. Myth, Theme and Structure*, Univ. of Toronto Press, 1967, p. 171, n. 9.

(12) Vv. 24-25.

«Nesta casa dei à luz um filho varão, unida ao filho de Aquiles, meu senhor».

(13) Vv. 26-31.

«Antes, embora mergulhada em desgraças, sempre me acompanhou a esperança de salvar o meu filho, para encontrar alguma defesa e protecção contra os infortúnios; mas desde que o meu senhor, desprezando o meu leito servil, desposou a lacónia Hermíone, ela persegue-me com insultos cruéis».

Como se vê, Andrômaca sublinha que a sua vida com Neoptólemo era um mar de desgraças e não lhe oferecia alegria alguma; que apenas o filho lhe dava uma certa esperança de encontrar, no futuro, protecção e amparo para os infortúnios.

Nas últimas palavras podemos ver até uma censura a Neoptólemo, ao referir que o *seu senhor* desprezara o seu leito servil, para casar com Hermíone, e agora a abandona às insolências e crueldades desta. Mas acentue-se que Andrômaca não desejara tal união, como confessa nos versos 36-38, ao realçar que foi obrigada e não por sua vontade que partilhou o leito com Neoptólemo; e que, por isso, Hermíone não tem razão em imputar-lhe a culpa do ódio do marido e ao acusá-la do desejo de a querer expulsar do palácio para retomar o seu lugar (vv. 32-37):

.....Ζεὸς τὰδ' εἰδείη μέγας,
ὡς οὐχ ἔκοῦσα τῶιδ' ἐκοινώθην λέχει (14)

jura solenemente Andrômaca. A acusação à conduta cruel e brutal de Neoptólemo parece-me evidente, nestas palavras. E mais evidente se manifesta nos versos 390-391, onde afirma:

.....ἐκοιμήθην βίαι
σὸν δεσπότηαισι..... (15).

E acima de tudo nos seguintes:

.....ἐπεὶ δ' ἀφικόμην
Φθίαν, φονεῦσιν Ἔκτορος νυμφεύομαι (16).

Como se vê nas citações que acabámos de apresentar, Andrômaca não tem um aceno de simpatia por Neoptólemo e sempre o trata por *meu senhor*. Há mesmo, como acentuámos, um certo tom de censura e acusação. Nem de outro modo poderia acontecer, uma vez que a

(14) Vv. 37-38.

«O grande Zeus sabe que, se me uni a este leito, não foi por minha vontade».

(15) Vv. 390-391.

«Partilhei, forçada, o leito com o meu senhor».

(16) Vv. 402-403.

«.....e quando cheguei à Ftia, vi-me unida ao assassino de Heitor».

Troiana é uma figura que continua fiel à memória de Heitor a quem, como vimos acima, evoca com visível ternura. Mais, apelida-o de esposo, em contraste flagrante com o tratamento que dá a Neoptólemo.

Esta é a figura que nos aparece na *Andrômaca*. Vejamos agora como Eurípides a retratou nas *Troianas*, uma peça que embora composta depois daquela mais de uma dezena de anos, apresenta uma acção dramática anterior. Ílion acaba de ser tomada, e as mulheres troianas, feitas cativas, foram conduzidas ao acampamento dos Gregos e colocadas em tendas, a aguardar a sua distribuição pelos chefes aqueus. Aí, frente a essas tendas, se passa a cena, avistando-se ao fundo a cidade de Tróia silenciosa e sem vida, que brevemente veremos desmornar-se, consumida pelas chamas alterosas do incêndio que os gregos atearão, para eliminar tudo o que pudesse fazer reviver a poderosa Ílion.

Taltíbio, o arauto grego encarregado de pôr em execução as decisões da assembleia, entra repetidas vezes em cena no cumprimento da sua penosa missão: conduzir, uma após outra, as cativas troianas aos chefes aqueus, a quem couberam em sorte, e arrancar dos braços da mãe Astíanax, para o arremessar das muralhas da cidade. É um doloroso desfile que nos acabrunha, enche de compaixão e, ao mesmo tempo, revolta, pelo sadismo de certos chefes gregos. Permanentemente em cena, Hécuba vê partir ou morrer os filhos e familiares, e cada nova partida é um golpe que atinge o seu coração indómito, que aos poucos vai sentindo esboroar todas as esperanças. Por fim, até mesmo a vingança sobre a única culpada de tão grande calamidade lhe é negada.

Caminha então para a cidade que está a ser destruída pelo fogo, numa tentativa de acabar juntamente com a pátria, de que é o símbolo. Símbolo, como nota Kitto (17), dos sofrimentos dos vencidos e da derrota, ou, como afirma Pohlenz (18), de Tróia e da sua completa destruição. Toda a motivação do seu proceder e da sua energia reside na esperança (cf. vv. 632-633) de salvaguardar a continuação da sua raça. Está aí o estimulante que a levou a dar o con-

(17) H. D. F. Kitto, *Greek Tragedy*, London, Methuen, 1966, p. 212.

(18) M. Pohlenz, *Die griechische Tragödie*, Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1954, p. 366 e 370.

selho a Andrómaca de se sacrificar pelo filho, dedicando-se a Neoptólemo em detrimento de Heitor:

Ἄλλ', ὦ φίλη παῖ, τὰς μὲν Ἐκτορος τύχας
 ἔασον οὐ μὴ δάκρυά νιν σώσῃ τὰ σά·
 τίμα δὲ τὸν παρόντα δεσπότην σέθεν,
 φίλον διδοῦσα δέλεαρ ἀνδρὶ σῶν τρόπων (19).

E não podemos interpretar estas palavras como falta de afeição pelo filho. São apenas fruto do seu sentido prático da vida e da sua percepção realista do que é mais útil e conveniente. De facto, as lágrimas de Andrómaca em nada beneficiariam Heitor, enquanto que Neoptólemo poderia ser um suporte da vida de Astíanax (vv. 700-705). É esta esperança de dar continuidade à sua raça, mais o desejo de se vingar de Helena que lhe concedem forças para lutar, levantar-se, recomeçar de novo, após cada revés.

Mas esse estímulo deixou de existir, quando Astíanax morre e Helena abandona a cena, salva e, podemos dizer, triunfante. Por fim, até a própria cidade, onde toda a sua vida decorrerá, onde fora feliz e vira crescer os filhos, onde havia sido a rainha considerada e respeitada, até a sua amada Ílion se desmorona. A sua vida deixa de ter qualquer sentido. Só lhe resta acabar também. E Hécuba, que aconselhara Andrómaca a viver e a sacrificar pelo filho a lealdade à memória de Heitor, é ela mesma agora a querer morrer; e ter-se-ia lançado nas chamas que devoravam Tróia, se Taltíbio lho não impedira (20). Hécuba continuará a viver, mas sem esperança (21).

É perante esta mulher, *mater dolorosa* da literatura grega, mas, como já acentuei, a quem a esperança e o desejo de salvaguardar a continuação da sua raça transmitem um senso prático que nos impressiona e nos deixa, por vezes, perplexos, é perante esta mulher que

(19) Vv. 697-700.

«Vamos, querida filha, deixa a sorte de Heitor. As tuas lágrimas já não o podem salvar. Honra o teu actual senhor, oferecendo-lhe o encanto do teu carácter, tão do agrado do teu marido.»

(20) Note-se, no entanto, como diz Kitto (*Greek Tragedy*, p. 216) que Eurípides equacionou, nas *Troianas*, não a tragédia de Hécuba, mas a de Tróia. E o coro, de facto, nunca canta a desgraça da rainha, mas sim a ruína e a destruição da cidade.

(21) Pohlenz, *Die griechische Tragödie*, p. 370.

Andrómaca lamenta a sorte que lhe coube e chora o infortúnio de uma vida de concubina de Neoptólemo que a espera. Há um contraste nítido entre as duas: Andrómaca tem os olhos no passado, Hécuba lança-os para o futuro. Aquela mostra-se oprimida, abatida (22), enquanto esta encontra sempre dentro de si energia para reagir, desde que lhe sorria a mais leve esperança. Assim se compreendem as suas palavras ao responder à afirmação de Andrómaca, que considera a morte de Políxena, mais feliz do que a sua vida futura:

Ὅδ' ταῦτόν, ᾧ παῖ, τῶι βλέπειν τὸ καθανεῖν
τὸ μὲν γὰρ οὐδέν, τῶι δ' ἔνεισιν ἐλπίδες (23).

As primeiras palavras que as duas mulheres trocam são um treno (vv. 577 sqq.) de intenso πάθος, um grito sucedendo-se a outro grito, entoado pela cidade que jaz destruída e pelos seus heróis que desceram ao Hades. O diálogo em ἀντιλαβή é profundamente revelador do seu estado psicológico e emocional. Andrómaca vai a caminho da tenda de Neoptólemo e a ideia de pertencer a outro homem que não

(22) Cf. U. Albinì, «Linee compositive delle Troiane», *PP* CXXXIV (1970) 317.

(23) Vv. 632-633.

«Minha filha, a vida e a morte não são a mesma coisa. Uma é o nada e na outra há a esperança».

Não me parece exacta a opinião de Grube (*The Drama of Euripides*, London, Methuen, 1941, pp. 288-289), de que estas palavras, bem como as de Andrómaca, ao considerar preferível a morte de Políxena à vida que a espera (vv. 679-682), são mera consolação, sem termos de admitir que as duas mulheres acreditam nelas. Não julgo exacta tal opinião, porque tais afirmações se integram perfeitamente na caracterização das personagens e na situação dramática: a Andrómaca, à sua fidelidade ao marido, repugna um novo casamento, para mais com o filho do assassino de Heitor. Por isso, a situação de Políxena lhe parece preferível. A Hécuba, motivam-lhe as palavras e a acção o desejo e a esperança de dar continuidade à sua raça. E a vida deixa-lhe sempre uma esperança, enquanto a morte lhe aparece como a aniquilação, o ruir de tudo.

Pelas mesmas razões, me causa estranheza a afirmação de Conacher (*Euripidean Drama*, p. 142), de que a fala de Andrómaca (vv. 634-683) é um mero exercício de eloquência estereotipada, onde abundam os clássicos dilemas de retórica patética, as ironias amargas. Neste amontoado de lugares comuns salvar-se-ia apenas a apóstrofe ao fantasma de Heitor.

Heitor a quem tanto amou e a quem tão dedicadamente se entregou (cf. vv. 661; 673-676), deixam-na fora de si.

Ἀχαιοὶ δεσπότηαι μ' ἄγουσιν (24)

são as primeiras palavras que profere ao chegar à cena. Para, logo de seguida, após algumas exclamações que são autênticos gritos de dor, invocar do Hades Heitor em seu socorro, com palavras que causam o espanto de Hécuba:

Αν. μόλοις, ὦ πόσις, μοι...

Εκ. βοᾷς τὸν παρ' Ἄϊδαι

παῖδ' ἐμόν, ὦ μελέα.

Αν. σᾶς δάμαρτος ἄλκαρ (25).

Por isso, inveja a sorte de Políxena que, imolada sobre o túmulo de Aquiles, não sentirá os horrores de uma vida de escravidão e de sofrimento (vv. 630-631; 678-680). E foi a virtude que a perdeu, como afirma na fala que começa nos vv. 634 sqq., já que a sua fama chegou até ao acampamento dos Aqueus e mal foi feita cativa, logo o filho de Aquiles a quis para esposa (vv. 657-660). Poucos versos antes, Andrómaca havia confessado que se esforçara por praticar, na casa de Heitor, todas as virtudes que uma mulher pode possuir: não frequentar lugares que a pudessem difamar, não permitir visitas a alcoviteiras; que a sua inteligência e a sua honestidade sempre lhe ditaram o modo de se comportar; que soube permanecer silenciosa e de rosto sereno, quando as circunstâncias o exigiam, e distinguir quando impor-se e quando ceder (vv. 643-656). E nós temos a confirmação destas

(24) V. 577.

«Levam-me os Aqueus
agora senhores de nós.»

(25) Vv. 587-590.

Andrómaca — «Vem, meu esposo...

Hécuba — É o meu filho
que evocas do Hades,
desventurada?!

Andrómaca — ...corre em socorro
da tua esposa.»

qualidades nas palavras de Hécuba, quando esta a aconselha a dedicar-se ao novo senhor e a oferecer-lhe o encanto do seu carácter que fora tão do agrado do marido (v. 700).

Eis o que levou Neoptólemo a escolhê-la. Por isso, conclui Andrómaca no verso 660: «eu serei escrava no palácio dos assassinos dos meus» (*δουλεύσω δ' ἐν ἀθροιστῶν δόμοις*). A Troiana encontra-se num dilema: afastar do pensamento e esquecer a face amada de Heitor, para se dedicar a um novo esposo (vv. 661-663), ou repelir este para manter a sua fidelidade ao marido, e nesse caso agravará os seus sofrimentos, atraindo o ódio do filho de Aquiles, que é o seu senhor (vv. 663-664). No entanto, Andrómaca não concebe a ideia de aceitar a primeira alternativa, pois apressa-se a afirmar que a desonra recairá sobre a que for infiel à memória do primeiro marido para se entregar a novos amores. A sua repulsa está bem patente nestas palavras:

*ἀπέπτυσ' αὐτήν, ἥτις ἄνδρα τὸν πάρος
καινοῖσι λέκτροις ἀποβαλοῦσ' ἄλλον φιλεῖ* (26).

Coloca-a em plano inferior ao da égua que, quando separada do par, se recusa a puxar o carro (vv. 668-672). E repare-se, como afirma Pohlenz (27), que Eurípides evita apresentar Neoptólemo a uma luz negativa, com intenção de mais realçar a atitude de Andrómaca e a sua fidelidade a Heitor (28).

Os versos seguintes (673-678) são um perfeito elogio do filho de Príamo, onde se sente o orgulho pela inteligência, nobreza e coragem do marido, e a ternura do amor profundo e sincero que lhe votou:

*σὲ δ', ὦ φίλ' Ἔκτορ, εἶχον ἀνδρ' ἀρκοῦντά μοι
ξυνέσει γένοι πλούτῳ τε κἀνδρείῳ μέγαν* (29).

(26) Vv. 667-668.

«Renego com desprezo a que traiu o primeiro marido e ama outro em novas núpcias.»

(27) Cf. Pohlenz, *Die griechische Tragödie*, p. 367.

(28) É certo que parte para a Ftia sem dar tempo a que a mãe sepultasse Astíanax e lhe prestasse as honras fúnebres (cf. vv. 1129 sqq.). Mas tal facto deveu-se apenas às notícias recebidas de que o avô de Neoptólemo fora despojado do trono e exilado do reino por Acasto, filho de Pélias, encontrando-se em perigo (vv. 1126-1128); caso contrário, teria esperado.

(29) Vv. 673-674.

«Querido Heitor, em ti eu tive um marido a contento, grande na inteligência, na nobreza, na riqueza e na coragem.»

Mas Andrómaca volta à realidade actual, que é bem diferente: Heitor está morto e ela é uma cativa que um barco conduzirá à Grécia, a caminho da servidão (vv. 677-678). Por isso — pergunta ela a Hécuba — não será mais digna de lamentos do que Políxena? (vv. 679-680). A velha rainha não partilha da mesma opinião e aconselha-a, como vimos, a deixar de chorar Heitor e a dedicar-se ao novo marido (697-700), para possibilitar, no futuro, a reconstrução de Ílion (vv. 701-705).

Entretanto, Taltíbio aparece mais uma vez; agora vem anunciar a decisão dos gregos de lançar Astíanax do cimo das torres de Tróia. É o ruir de mais uma esperança. O arauto hesita na maneira de se exprimir; a sua sensibilidade não encontra palavras que suavizem a triste nova, que tem de comunicar à infeliz Andrómaca, e que foi encarregado de executar. A desventurada mãe ainda tenta reagir ante semelhante barbaridade, proposta por Ulisses, nesta maldição espontânea contra o Cefalénio:

τοιᾶῦτα νικήσειε τῶν αὐτοῦ πέρι (30).

Mas Taltíbio aconselha-a a suportar, com nobreza, a sua sorte, a não se irritar, nem lançar imprecções sobre os Gregos, uma vez que se encontra sem apoio e não tem poder (vv. 726 sqq.). Pode provocar a cólera dos Aqueus que deixarão Astíanax sem sepultura (vv. 732-739).

Inicia-se então uma cena de patético insuperável, a despedida de Andrómaca e do filho (vv. 740 sqq.). Raras vezes a tragédia grega atingiu tais culminâncias. Com palavras comoventes e cheias de ternura Andrómaca dirige-se ao filho que é a recordação viva do seu querido Heitor:

*ὦ φίλτατ', ὦ περισσὰ τιμηθεὶς τέκνον,
θανῆμι πρὸς ἐχθρῶν μητέρ' ἀθλίαν λιπῶν (31).*

(30) V. 724.

«Que alcance igual vitória a respeito dos seus filhos.»

(31) Vv. 740-741.

«Meu querido filho, ó meu filho bem amado! Tu vais morrer às mãos dos inimigos e deixarás a tua desventurada mãe.»

E pensar que foi a nobreza, o heroísmo do pai que lhe causou a morte, como afirma ela nos versos 742 sqq. (32). Não morre devido à *ὑβρις*, mas sim devido à *εὐγένεια* de Heitor. Esta afirmação de Andrómaca tem a sua importância, porque estabelece um contraste com o que sucede a Helena: salva-se, apesar de culpada, enquanto Astíanax morre, por ser filho de um homem nobre, generoso, valente.

Segundo um convencionalismo frequente no teatro grego, a criança não fala, mas a mãe vai-nos revelando os seus gestos, bem mais eloquentes que quaisquer palavras:

ὦ παῖ, δακρύεις· αἰσθάνημι κακῶν σέθεν;
τί μου δέδραξαι χερσὶ κἀντέγῃ πέπλων,
νεοσσὸς ὡσεὶ πτέρυγας ἐσπίτων ἐμάς; (33).

Mas de nada lhe valerá. Heitor já não pode vir em seu auxílio, encontra-se debaixo da terra (vv. 752-754). Andrómaca sente que foram inúteis tantos sacrifícios que fez por Astíanax e que em vão o amamentou. Ele será lançado do cimo das torres e o corpo despedaçado. A sua imaginação vai ao passado, recorda toda a esperança que nele punha, a alegria que lhe dava, e comenta com triste desilusão:

οὐ σφάγιον υἱὸν Δαναΐδαις τέξουσ' ἐμόν,
ἀλλ' ὥς τύραννον Ἀσιάδος πολυσπόρον (34).

(32) Cf. E. Havelock, «Watching the Trojan Women» in *Euripides*, ed. by E. Segal, p. 124.

(33) Vv. 749-751.

«Filho, tu choras?! Tens acaso consciência dos teus males?! Porque me abraças e me agarras as vestes com as mãos, como avezinha que procura acolher-se sob as minhas asas?».

(34) Vv. 747-748.

«.....gerei o meu filho, não para servir de vítima aos Dânaos, mas como rei da Ásia de abundantes searas.»

Sartre, na adaptação que fez desta peça (Eurípide, *Les Troyennes*. Adaptation de Jean-Paul Sartre, Gallimard, 1965), acentua este pormenor ao colocar na boca de Andrómaca a seguinte afirmação (p. 80):

*on m'a dit que je portais dans mon ventre
le futur roi de l'Asie
aux belles moissons,*

Com que ternura Andrómaca exclama:

ὦ νέον ὑπαγκάλισμα μητρὶ φίλτατον,
ὦ χρωτὸς ἠδὲ πνεῦμα..... (35).

Pede então ao filho que a beije pela última vez e a abraça mais estreitamente:

νῶν — οὐποτ' αἰθις — μητέρ' ἀσπάζου σέθεν,
πρόσπιπνε τήν τεκοῦσαν, ἀμφὶ δ' ὠλένας
ἔλισσ' ἐμοῖς νότοισι καὶ στόμ' ἄρμωσον (36).

São palavras bem reveladoras da dor que vai no seu coração dilacerado de mãe. Que cena de maior ternura e mais comovente do que esta despedida entre Andrómaca e o filho que brevemente

*et j'ai accouché d'une pauvre petite victime
j'ai fourni aux Grecs un martyr.*

E mais adiante dirige esta violenta apóstrofe contra os Gregos (p. 81):

*Hommes de l'Europe,
vous méprisez l'Afrique et l'Asie
et vous nous appelez barbares, je crois.
Mais quand la gloriole et la cupidité
vous jettent chez nous,
vous pillez, vous torturez, vous massacrez.*

Aliás, outra coisa não era de esperar, perante o propósito, explicitamente anunciado no «Pourquoi *Les Troyennes*» que antecede a tragédia, de tornar mais evidente a crítica à guerra. Foi essa, de facto, a intenção que motivou a escolha de Sartre. Impressionado com o êxito alcançado, durante a Guerra da Argélia, pela representação de uma tradução da tragédia de Eurípides, perante o público afecto ou favorável à negociação com a F.L.N., resolveu adaptar as *Troianas*, acentuando mais o tema da condenação da guerra e introduzindo-lhe o tópico da guerra colonial (cf. p. 7).

(35) Vv. 757-758.

«Ó querido filho, terno abraço para a tua mãe! Ó doce perfume do teu corpo!»

Destas palavras podemos aproximar as que pronuncia a mesma Andrómaca, na peça a que dá o nome, quando se vê perante a ameaça de perder o filho (v. 406): «Só este filho me restava como luz da minha vida». E as que profere Mégara, nos versos 454-461 do *Héracles*.

(36) Vv. 761-763.

«Agora, pela última vez, acaricia a tua mãe e estreita a que te gerou; enlaça com teus braços o meu pescoço e une a tua boca à minha.»

deixará de existir para sempre (37). É, sem dúvida, um dos pontos mais elevados do patético euripídiano.

Sente então um assomo de revolta contra os Gregos — ὃ βάρβαρ' ἐξευρόντες "Ἕλληνες κακά, lhes chama Andrómaca (v. 764) — e sobretudo contra Helena, a causadora de tanta ruína, sofrimentos e desgraças; contra ela profere uma violenta invectiva (vv. 766-773), chamando-lhe filha do Génio do mal, do Ódio, do Assassínio, da Morte e de todas as calamidades (38).

Impotente perante a sorte do filho, afasta-o de si com profundo desespero (39) bem patente nestas palavras:

<ἀλλ' > ἄγετε φέρετε ὄπιτετ', εἰ ὄπιτεν δοκεῖ.
δαίνυσθε τοῦδε σάρκας..... (40)

onde nos aparece uma série de imperativos de grande valor emocional, autênticos gritos de dor; onde se encontra também uma conotação de desprezo pelos Gregos, acentuada pela aliteração em ρ e pelo acumular de oclusivas surdas.

Andrómaca perdeu tudo o que a prendia à vida. O seu sacrifício de aceitar um novo marido deixa de ter sentido. Por isso termina por estas palavras, onde se nota o desespero e a amarga ironia de quem se vê impotente contra a injustiça e a brutalidade:

.....κρύπτειτ' ἄθλιον δέμας
καὶ ὄπιτετ' ἐς ναῦς· ἐπὶ καλὸν γὰρ ἔρχομαι
ὄμναιον, ἀπολέσασα τοῦμαντιῆς τέκνον (41).

(37) Não é a única vez que Eurípides traz um *παῖς* à cena. Fá-lo também na *Alceste*, na *Medeia*, na *Andrómaca* e na *Hécuba*. Sobre o assunto, vide o nosso trabalho *Eurípides, Andrómaca*, p. 46, nota 1, e p. 66.

(38) Esta invectiva de Andrómaca liga mais estreitamente a cena de Helena (vv. 860 sqq) à acção dramática. Cria um ambiente desfavorável e predispõe-nos contra a filha de Tíndaro que aparecerá no episódio seguinte.

(39) Cf. E. Havelock, «Watching the *Trojan Women*» in *Eurípides* ed. by E. Segal, p. 124.

(40) Vv. 774-775.

«Pois bem, agarrai-o, levai-o, arremessai-o, se vos agrada. Saciai-vos da sua carne.»

(41) Vv. 777-779.

«Escondei o meu miserável corpo e arremessai-o para uma nau. Parto, sem dúvida, para umas belas núpcias, depois de haver perdido o meu filho.»

São estas as suas últimas palavras. Sai da cena para o seu doloroso e cruel destino. Taltíbio parte também levando Astíanax, para cumprir as ordens recebidas, que bem desejava não ter de executar.

Hécuba sente-se acabrunhada (vv. 790-798), e o coro canta a destruição de Tróia e as suas causas (vv. 799 sqq.), o que constitui uma constante das odes corais nesta peça.

Enquanto Astíanax, uma criança, cujo único crime é ter nascido de um pai valente, nobre e virtuoso, caminha para uma morte horrorosa e injusta, assistimos à vitória da verdadeira culpada de todas as desgraças, Helena (42). Oh! ironia do destino, cruéis e injustas consequências da guerra! A consagração de Cassandra ao deus, a virtude e dedicação amorosa de Andrómaca e a inocência de Astíanax de nada lhes valem, enquanto a culpada de tudo, a mulher desonesta, salva-se e evita o castigo; Hécuba não consegue levar Menelau a matar Helena. E a Espartana, que é sempre apresentada como uma personagem odiosa, como a única responsável de tantas desgraças e que todos reconhecem culpada, é também, como afirma Pohlenz (43), a única que triunfa sorridente.

Após esta cena, que tem sido bastante discutida e criticada por muitos como deslocada (44), aparece Taltíbio com o anúncio de que

(42) Helena, como nota Pohlenz (*Die griechische Tragödie*, II, comentário à página 369, linha 1 do vol. I), constitui a antítese de Andrómaca. Enquanto esta é uma figura *σώφρων* (v. 645), aquela não o é, mas apresenta-se como *ἀναιδής* (v. 1027).

(43) M. Pohlenz, *Die griechische Tragödie*, pp. 369-370.

(44) Assim, por exemplo, Perrotta («L'Ecuba e le Troadi di Euripide», *Atene e Roma* VI (1925) 278, *apud* G. Schiassi, *Euripide, Le Troiane*, Milano, Edizione Mursia, 1969, p. 21) considera-a um episódio defeituoso, introduzido à força na acção das *Troianas* e sem valor artístico; Pohlenz encontra-o eivado de um carácter cómico-satírico, por detrás do qual, no entanto, há uma certa dose de humorismo shakespeariano (*Die griechische Tragödie*, p. 369); Jacqueline de Romilly (*La tragédie grecque*, Paris, P.U.F., 1970, p. 122) considera-a apenas uma breve diversão, enquanto o cadáver de Astíanax não chega; H. Steiger não lhe encontra importância alguma para a acção: para ele, a cena de Helena apresenta-se como um episódio estranho à tragédia, onde predomina o confronto polémico entre a visão homérica dos acontecimentos — Helena — e a de Eurípides — Hécuba (*apud* G. Schiassi, *ibidem*, p. 21). Também Conacher, embora considere a entrada de Helena bem colocada quanto à sua estrutura, vê nessa cena a discussão polémica entre a interpretação tradicional e a racionalista da história de Helena (*Euripidean Drama*, pp. 142-144).

Apesar disto, parece-me que o episódio de Helena está bem integrado na peça. Tem a função de mostrar, em nítido e chocante contraste, que a guerra é cega e, quantas vezes, castiga os inocentes e poupa os malvados. Depois da desgraça de Cassan-

Andrómaca já partira, devido a Neoptólemo ter recebido funestas notícias da Ftia: que seu avô fora despojado e expulso do reino por Acasto (vv. 1126-1128). Por isso, não acedeu ao desejo, formulado pela sua cativa, de lhe permitir entoar o lamento fúnebre sobre o corpo de Astíanax (vv. 1129-1130).

Todas as circunstâncias concorrem para que Andrómaca não possa ter qualquer afeição por Neoptólemo. Não só era filho do assassino de Heitor (cf. v. 660), como agora nem sequer lhe permite chorar e dar sepultura ao filho que tanto estremecia (45). Por isso encarrega Hécuba de o fazer e é Taltíbio que lhe vem transmitir esse pedido bem como o desejo, que ela lhe confiara entre lágrimas, antes de partir, de que o escudo de Heitor fosse o sarcófago de Astíanax (vv. 1133 sqq.). É Taltíbio também que nos transmite o seu último adeus nestas palavras bem significativas:

.....μετ' αὐτοῦ δ' Ἀνδρομάχη, πολλῶν ἐμοὶ
δακρύων ἀγωγός, ἥνικ' ἐξώρμα χθονός,
πάτρην τ' ἀναστένουσα καὶ τὸν Ἔκτορος
τύμβον προσηνέπουσα (46).

Hécuba então entoa um treno, cheio de ternura evocativa, onde se misturam as imagens do filho e do neto (vv. 1167 sqq.). Este doloroso lamento e as ternas recordações que a desventurada rainha vai desfiando sobre o cadáver de Astíanax são uma veemente e gritante

dra, do sacrifício de Políxena, do infortúnio de Andrómaca e da morte cruel de Astíanax, a justiça exigia que a culpada de tantos sofrimentos recebesse o devido castigo e percesse também. É esse o desejo que Andrómaca manifesta, antes de partir (vv. 766-773). É esse o objectivo que Hécuba, no seu anseio de vingança, visa conseguir de Menelau. Mas em vão. Helena salva-se e parte vitoriosa para Esparta.

Além disso, a cena dá-nos ainda uma pausa na tensão emocional, em sucessivo crescendo desde o início da peça. Assim permitirá uma reacção mais espontânea e uma vivência plena na cena patética e pungente do êxodo.

(45) Embora a partida de Neoptólemo se deva a motivos imprevistos e preocupantes (vide supra, nota 28) e apesar de Eurípides fugir de caracterizar o filho de Aquiles de forma negativa (vide supra, p. 464), tais factos não impedem que essa atitude tenha originado uma repercussão desfavorável no espírito de Andrómaca.

(46) Vv. 1130-1133.

«.....e com ele seguiu Andrómaca que me fez verter abundantes lágrimas, no momento em que era arrancada desta terra, pranteando a pátria e invocando o túmulo de Heitor.»

acusação contra a guerra que não poupa a inocência (1159-1160); contra os que se aproveitam do seu maior poder para atropelar a justiça, como meses antes fizera Atenas em Melos (cf. Thuc. V. 84-116).

Impressiona o uso sistemático que Hécuba faz, neste treno, dos trímetros iâmbicos alternando com os lamentos líricos do coro; é como se a infeliz rainha já tivesse perdido toda a capacidade de emoção, e o excesso de dor e de sofrimento a tivesse tornado semi-insensível.

Pelo que acaba de ser exposto, podemos concluir que Andrômaca é apresentada nas *Troianas*, como modelo de mulher honesta e de mãe amorosa (47), como a esposa ideal cuja *aretê* reside em viver para o marido (cf. vv. 645-655 e 700) e para a sua memória (cf. vv. 661-672).

Por isso mesmo é que os golpes que os Gregos lhe vibraram foram dos mais brutais e cruéis: no seu amor de esposa e mãe, constringendo-a a novas núpcias que lhe repugnavam e matando-lhe o filho bem amado em que via a imagem viva e a continuação de Heitor.

Ela que amava tão ternamente o marido, chegando ao ponto de confessar com comovente ingenuidade, que era pura, quando ele a tomou por esposa (vv. 675-676), ela que, como vimos já, não concebe a ideia de atraiçoar a sua memória para aceitar outro marido, vê-se forçada a tornar-se concubina de Neoptólemo. Não lhe bastava já ter perdido Heitor, como agora nem sequer pode dedicar o resto da vida à sua memória e à educação de Astíanax, o filho adorado que dele tivera.

Há, no entanto, uma acentuada diferenciação no tratamento da figura desta peça para a anterior. Embora, tanto numa como na outra, Andrômaca seja apresentada como uma mulher digna, virtuosa, um modelo de moderação e de esposa, nas *Troianas*, mostra-se mais ingênua, mais sujeita a emocionar-se e a manifestar essas emoções, o que é muito natural, uma vez que a sua vida até aí, se exceptuarmos o rude golpe da morte de Heitor, se passara sem grandes sofrimentos e situações difíceis: toda entregue à tranquilidade doméstica e à afectuosa dedicação ao marido. Após a queda de Tróia, as calamidades sucederam-se, cada qual a mais inesperada e cruel. A sua relativa juventude e inexperiência sente-se, por vezes, perturbada e indecisa, como é o caso do dilema em que se encontra entre manter-se fiel à memória de Heitor e aceitar um segundo marido (cf. vv. 661-664).

(47) Cf. G. Schiassi, *Euripide, Le Troiane*, p. 20.

O seu amor pelo filho de Príamo leva-a a rejeitar a segunda hipótese. Mas, nesse caso, sabe muito bem que contribuirá para agravar os seus sofrimentos, e que a sua vida de escravidão será um fardo bem difícil e penoso. Está pouco habituada a graves opções, e a perspectiva dessa existência dolorosa assusta-a. Note-se, todavia, como acentuei já, que nunca ela admitiu a ideia de trair a memória de Heitor.

Na *Andrômaca* aparece-nos mais amadurecida. Já passou por todos os sofrimentos, cuja antevisão nas *Troianas* lhe causava tanto horror. Viu-se sujeita a violências, crueldades, brutalidades. As dores moldaram-lhe o modo de sentir e de reagir, e adquiriu uma concepção da vida «toda de experiência feita». É uma forte personalidade que o sofrimento temperou, transformando-a numa mulher que aprendeu a ver o verdadeiro sentido das coisas, a dominar as suas palavras e reacções e a penetrar na alma dos outros.

Enfim, podemos concluir que, tanto numa como na outra peça, Andrômaca nos aparece como uma figura digna, virtuosa, uma mulher em toda a acepção da palavra, modelo de esposa e de mãe. Mas nas *Troianas* é retratada no momento em que a desgraça chega com o seu séquito de violências e crueldades, pondo à prova a sua virtude e moderação; na *Andrômaca*, quando o vendaval está prestes a cessar e dele sai vitoriosa a Troiana que se impõe como uma figura *σόφρων* e recebe, por fim, a devida recompensa.

J. RIBEIRO FERREIRA